

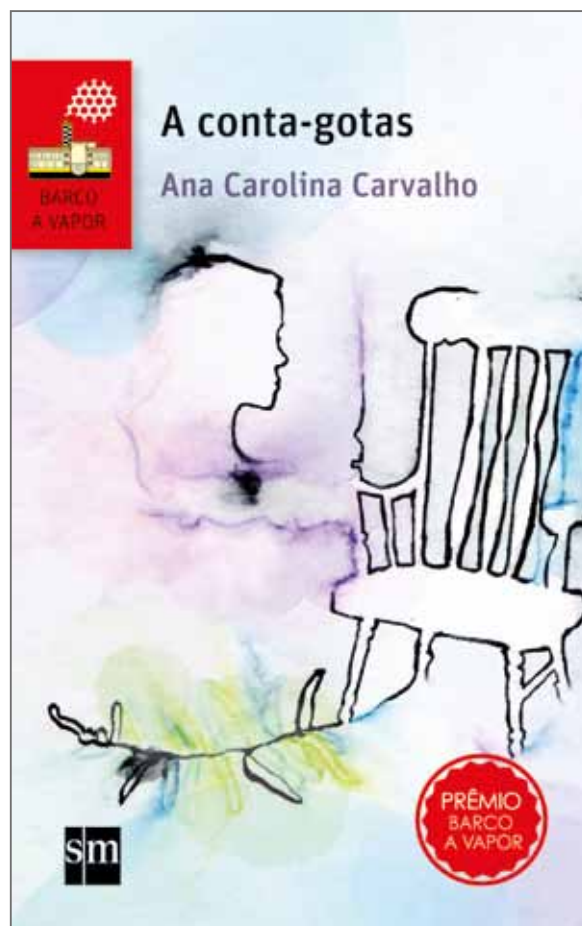
A conta-gotas

Ana Carolina Carvalho

Nível leitor A partir de 12 anos

Anos escolares 7º - 8º anos

120 páginas



TEMAS Abandono / Família / Memória / Primeiro amor

A AUTORA Ana Carolina Carvalho nasceu em São Paulo, em 1971. Escritora, psicanalista e educadora, formou-se em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) e é mestranda em Educação na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Trabalhou com educação infantil e hoje se dedica integralmente à formação de leitores e professores. No campo da literatura infantil, além de *A conta-gotas* (obra vencedora da 10ª edição do prêmio Barco a Vapor, 2014), publicou *Contos de irmãos: histórias de coragem, aventura e astúcia* (Moderna, 2009) e organizou a coletânea de contos populares portugueses *Dez contos do além-mar* (Peirópolis, 2010). A ideia do livro *A conta-gotas* surgiu em 2009 e o processo de escrita desenvolveu-se lentamente, como o título sugere.

O LIVRO A obra acompanha a adolescente Olívia em busca da história da mãe. Abandonada quando bebê, ela vive com o pai e não tem referências maternas, desconhecendo até mesmo seu nome e sua fisionomia. Movida por essa falta de referências e pela típica curiosidade juvenil, Olívia passa a colher informações, principalmente nas conversas segredadas na casa da avó paterna. Aos poucos, com os fragmentos juntados aqui e ali, por fim consegue montar esse complicado quebra-cabeça. Na longa empreitada, conta não só com a ajuda de Ana, a melhor amiga, e de Miguel, o namorado, mas também com a de velhos amigos de sua mãe, que conhece no caminho. A corajosa procura de Olívia pela verdade promove seu amadurecimento, refletindo positivamente na vida de todos os familiares.

INTERPRETANDO O TEXTO

Mergulhando na temática

TRAUMA

O *trauma*, palavra de origem grega que significa “ferida”, pode ser considerado tanto do ponto de vista físico como do psíquico.

No campo da psicanálise, há diversas teorias sobre esse conceito. O psicanalista austríaco Otto Rank (1884-1939) defendia a teoria do *trauma do nascimento*, segundo a qual nossos medos e angústias seriam derivados das circunstâncias sofridas no momento em que viemos ao mundo. O próprio Sigmund Freud (1856-1939), seu conterrâneo, investigou o tema durante seus estudos sobre a histeria, associando-o à teoria da sedução, logo abandonada, e revisitou-o várias vezes (ao tratar das neuroses de guerra, da fantasia inconsciente, da teoria da angústia etc.), modificando seu conceito. Já para o inglês Donald Winnicott (1896-1971), o trauma estaria associado à dependência que temos uns dos outros, caracterizando-se por uma ruptura no que é fundamental em uma relação interpessoal.

De maneira geral, o trauma pode ser definido como um acontecimento inesperado que atinge um indivíduo de modo desagradável e intenso, causando perturbações em sua vida psíquica.

Para saber mais

MAIA, Marisa Schargel. *Extremos da alma: dor e trauma na atualidade e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

RUDGE, Ana Maria. *Trauma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MARCAS DO ABANDONO

Fotografias e conversas com familiares mais velhos dão a uma pessoa referências sobre sua história pregressa e ajudam a conformar sua identidade. Esse não é o caso de Olívia, protagonista de *A conta-gotas*. Abandonada pela mãe, Laura, quando ainda era bebê, vive com o pai, Eduardo, e não tem nenhuma ideia do que houve com ela. Então, na adolescência, decide partir em busca de informações que possam desvendar esse enigma.

O tema do abandono, sempre difícil de abordar em narrativas infantis e juvenis (ainda mais quando materno), é tratado com delicadeza pela autora, abrangendo o impacto do **trauma** não só para a protagonista, mas para sua família. Profundamente afetado pela “fuga” da mulher, Eduardo fecha-se em si mesmo, adotando uma postura passiva, desconversando ou calando-se sempre que o assunto “Laura” vem à tona. Olívia, no entanto, com muita perspicácia, consegue “notar a presença dela nos silêncios dele” (p. 11). O acontecimento também afetou a avó paterna, que, de maneira impositiva, empenha-se em extinguir qualquer vestígio da presença de Laura na casa, rasgando fotos e trocando móveis antigos. Mais tarde, a garota se questionará se a figura autoritária da avó pode ter tido influência no sumiço da mãe.

O trauma decorrente da ausência materna não paralisa Olívia nem a faz negar sua existência; ao contrário, coloca-a em um movimento de enfrentamento do passado. Corajosa e autônoma, ela consegue manter o foco de sua busca para obter as informações que deseja, mesmo atravessando o tumultuado período da adolescência. Ao descobrir a verdade, não julga a atitude da mãe, mas procura compreendê-la e colocar-se no lugar dela — uma amostra de que seu processo de amadurecimento foi bem-sucedido.

A decisão de investigar esse passado provoca mudanças não apenas nela, mas também no pai. A partir do momento em que começa a mexer nas antigas feridas, Olívia ganha Eduardo como aliado em sua busca. A figura paterna, triste e calada no início, se fortalece ao longo da narrativa. As marcas do abandono passam a ser superadas graças ao protagonismo adolescente.

ÁLBUM

A origem do termo *álbum* remonta à Roma antiga; em latim, significa “quadro branco” ou “qualquer coisa branca”. Os romanos costumavam utilizar os álbuns para transcrever e ler publicamente anúncios de interesse geral. Podem ser descritos como livros em branco, à espera dos registros que seu proprietário escolher para preenchê-los: fotografias, selos, figurinhas, pensamentos, poesias, notas etc. A ideia de montar um álbum associa-se ao desejo de colecionar e gravar momentos relevantes, assim como faz Olívia com seu “Memória de mãe”.

Para saber mais

LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: Unesp, 2003.

NARRAÇÃO EM PRIMEIRA PESSOA

Na narração em primeira pessoa, o leitor acompanha a história do ponto de vista do “eu” que narra, tendo acesso apenas a suas impressões e pensamentos. Em seu livro *O foco narrativo*, Lígia Chiappini Moraes Leite escolhe Riobaldo, protagonista de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, como paradigma desse tipo de narração: “Aí também desaparece a onisciência. O narrador, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (p. 43).

Pensando na história do gênero romance, pode-se dizer que, principalmente no século XX, boa parte dos escritores passou a narrar em primeira pessoa ou a usar recursos que expressassem a voz interior de seus personagens. Três grandes nomes nessa linha são o irlandês James Joyce (1882-1941), o francês Marcel Proust (1871-1922) e a britânica Virginia Woolf (1882-1941). O movimento em direção à interioridade relacionou-se com um questionamento em torno das formas de narrar típicas dos séculos anteriores, em que a narração onisciente em terceira pessoa era bastante utilizada. A onisciência apresenta um narrador “senhor de seu mundo”, que não se contradiz e tem informações a respeito de tudo e todos.

NARRANDO A CONTA-GOTAS

Logo no início, Olívia se refere à imagem do conta-gotas, em um experimento no laboratório da escola. Não por acaso ele dá título ao livro, uma vez que condensa, de maneira metafórica, as principais atitudes da protagonista na profunda investigação que empreenderá para desvendar a ausência materna: paciência e persistência.

Outra metáfora, que aparece no segundo capítulo, é a do quebra-cabeça, simbolizando justamente o ato de juntar as peças e produzir uma imagem clara. Também a ideia dada mais tarde pela amiga Ana reforça a necessidade de construir uma narrativa: montar um **álbum** com as recentes descobertas, que recebe o sugestivo nome “Memória de mãe”.

Por meio da **narração em primeira pessoa**, acompanhamos Olívia em sua descoberta (também a conta-gotas), de tudo o que conduz à formação de uma imagem de Laura. Nesse tipo de narração, somos guiados pela visão subjetiva de um único personagem, estamos dentro de sua mente e só conhecemos os fatos segundo sua interpretação. Daí a opção da autora pelo uso de uma linguagem tipicamente adolescente como recurso estilístico na maior parte da narrativa, por exemplo: “Dali, eu não tiraria mais nada. E perguntar para minha avó, assim direto, na lata, é que eu não ia. Não mesmo” (p. 33).

Há diversas formas de narrar uma história, e os escritores fazem suas escolhas de acordo com o efeito desejado. O discurso coloquial de Olívia reflete sua idade, suas contradições, revelando seu modo de ser no mundo. Além disso, a narração em primeira pessoa nos aproxima da protagonista, suscitando empatia por seus conflitos e conquistas.

No pós-escrito da obra, Olívia nos conta que decidiu transformar em livro a história materna com base nas anotações de seu álbum “Memória de mãe”, revelando o desejo de compartilhar sua experiência. Assim, por meio da escrita, a narradora foi capaz de elaborar sua trajetória até aquele momento, refletindo sobre o passado e fechando um ciclo importante da vida. Ao lidar com os fantasmas que a atormentavam e escrever sobre o que se passou, ela tenta compreender as atitudes da mãe e se liberta da angústia que sentia por não saber o que havia acontecido. Nesse processo de curar as feridas, a escrita adquire importância fundamental; é um mecanismo de libertação.

Ainda que não saibamos como foi seu encontro com Laura, percebemos como a busca foi essencial para Olívia, e a opção

A partir do século XIX, as pesquisas sobre o inconsciente, as contradições entre os interesses particulares e coletivos e a ideia do “eu” como fruto de um processo de construção de si apontaram para a vulnerabilidade do sujeito. Essas ideias também começaram a ser trabalhadas esteticamente tanto no romance como nas artes plásticas e no teatro. A narração em primeira pessoa passou então a ser mais explorada, pois valorizava não só os aspectos subjetivos, mas a relatividade dos pontos de vista.

Para saber mais

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1997.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

da autora de não revelar detalhes desse momento reforça tal ponto. Trata-se de um recurso narrativo delicado que põe ênfase justamente no *trajeto* da protagonista rumo a sua história, no *processo* de construção da imagem materna, empreendido de modo ativo e perseverante ao longo de todo o livro, acentuando o *movimento* subjetivo da personagem.

AMIZADE, AMOR E FAMÍLIA

Os temas da amizade, do amor e da importância da família, seja qual for sua configuração, entrelaçam-se em *A conta-gotas*. Quando Olívia conhece Ana, identifica-se imediatamente com ela, que também não tem mãe, embora por motivo diverso, e passa a receber da amiga o encorajamento necessário para sua busca. Além de lhe dar a ideia do álbum “Memória de mãe”, Ana a estimula a procurar Flora, amiga de Laura recém-descoberta, e depois a acompanha em uma das visitas. Nessa ocasião, surge mais um amigo de Laura. Juntos, Ivan e Flora se tornam figuras decisivas na trajetória de Olívia, pois a acolhem, dão suas versões da história sem impô-las e a ajudam ativamente no resgate de seu passado.

Em meio a esse turbilhão, a protagonista ainda lida com as hesitações em torno de sua atração por Miguel, colega de escola que virá a ser seu primeiro namorado. Nos episódios em que foge dele, atitude ambivalente que ela própria não entende bem, procura respostas comparando-se com a mãe: “Naquela primeira aula, cujo assunto não lembro, pensei muito na minha mãe e em mim. Na minha mãe em mim. Na minha mãe... E na sua fuga” (p. 54). Seriam elas iguais? O desejo de fuga estaria no sangue? O final do livro desmente essa ideia, mostrando Olívia tranquila com seu bebê. A procura por Laura e a tentativa de compreender a própria história foram fundamentais para seu amadurecimento como mulher e mãe.

Há ainda as transformações que as descobertas de Olívia operam em toda a família. Seu pai, após muitos anos, decide enfim lidar com a questão do abandono, aliando-se à filha e ajudando-a. Os dois se aproximam e ele começa a fazer terapia, casa-se de novo e segue a vida, superando o trauma da separação. A coragem de Olívia beneficia todos a sua volta. A família cresce, em todos os sentidos, e seu ciclo de amizades se amplia.

CONVERSANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

- 1 Discuta o título *A conta-gotas* com os alunos:
 - a. O que a imagem de um conta-gotas sugere?
 - b. Que tipo de história imaginam ler com esse título?
- 2 Proponha que explorem a imagem da capa, composta de elementos apenas delineados (um rosto feminino, uma cadeira de balanço e uma planta) em meio a borrões de tinta, associando-a ao texto da quarta capa.
- 3 Peça que cada um traga uma fotografia da infância. Divida a classe em grupos e estimule-os a falar sobre as recordações e sentimentos que a foto evoca, ressaltando a importância dessas lembranças. O objetivo da atividade é prepará-los para uma reflexão sobre a situação de Olívia. Ela não tem referências ou fotos da mãe e sente a necessidade de partir em busca dessas informações.

Indicações de filmes e livros

Para o aluno

FILMES

- *O ano em que meus pais saíram de férias*. Direção: Cao Hamburger. Brasil, 2006. 110 min. 16 anos.

Menino de 12 anos fica aos cuidados do avô quando seus pais misteriosamente “saem de férias”, fugindo da ditadura militar. Com a morte do avô, o garoto é obrigado a viver com um vizinho e aprender a lidar com uma nova realidade.

- *O garoto da bicicleta* (Le gamin au vélo). Direção: Jean-Pierre Dardenne e Luc Dardenne. Bélgica, 2011. 87 min. 14 anos.
- Garoto deixado pelo pai em um orfanato tenta lidar com a raiva que sente pelo abandono enquanto passa a ser cuidado pela dona de um salão de beleza.

LIVROS

- BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem*. São Paulo: Global, 2013.
- Publicada em 1930, é considerada a primeira obra verdadeiramente modernista de Bandeira. Alguns poemas de *Libertinagem* são mencionados por Olívia em *A conta-gotas*.

DURANTE A LEITURA

- 1 Leia o primeiro capítulo do livro em sala de aula. Peça que os alunos procurem outras referências do conta-gotas no decorrer da leitura. Estimule-os a refletir sobre o desenvolvimento dessa metáfora ao longo do livro. (As referências estão nas páginas 17, 23, 25, 27, 45 e 114.)
- 2 Chame a atenção deles para o trecho em que Olívia se lembra do cheiro da loção de barba do pai (p. 12). Estabeleça uma relação intertextual com o famoso episódio da madeleine proustiana. Em *O caminho de Swann*, primeiro volume de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, o narrador recorda toda uma época da vida ao mergulhar uma madeleine (espécie de bolinho) em uma xícara de chá. O gosto que sente reaviva as memórias. Você pode aproveitar o ensejo para tratar de intertextualidade. Olívia também se

• DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. São Paulo: Scipione, 2008.

Nesse clássico da literatura, o órfão Oliver passa por inúmeros sofrimentos e dificuldades até encontrar uma família. Publicado originalmente em folhetim, em 1837-1838, esse é o primeiro romance em língua inglesa que tem uma criança como protagonista.

• MONTORO, Suzana. *Nem eu nem outro*. São Paulo: Edições SM, 2011.

Após acidente vascular cerebral, adolescente perde parte da memória e precisa reconstruir sua identidade com a ajuda de terceiros. O garoto então passa a anotar seus pensamentos em busca de seu verdadeiro “eu”.

• POOLE, Josephine. *Anne Frank*. São Paulo: Edições SM, 2005.

Baseada no famoso diário de Anne Frank — menina judia que se refugiou com a família no sótão de uma casa durante a Segunda Guerra —, a autora recompõe os sentimentos infantis e os modos de reação diante do terror nazista.

Para o professor

FILMES

• *O estranho em mim* (Das Fremde in mir). Direção: Emily Atef. Alemanha, 2008. 99 min. Aborda a questão da depressão pós-parto e as expectativas em torno do papel de mãe por meio da crise sofrida por Rebecca ao dar à luz o primeiro filho.

• *O dia em que eu não nasci* (Das Lied in mir). Direção: Florian Cossen. Alemanha/Argentina, 2010. 94 min.

Nadadora alemã ouve uma canção de ninar no saguão do aeroporto de Buenos Aires e se recorda dela apesar de não falar espanhol. O fato vai levá-la a empreender uma busca pela família biológica, desconhecida por ela até então, que fora vítima da ditadura militar argentina.

lembra de quando era bem pequena ao vir a sua memória o cheiro da loção paterna.

- 3 No capítulo 6, analise com os alunos as intenções da avó com a troca dos móveis. Proponha que pensem também sobre a reação de Eduardo. Por que o pai reage tão mal à mudança?
- 4 Reflita com a turma sobre a amizade entre Ana e Olívia. Por que elas se identificam? O que têm em comum? O que fortalece uma amizade?
- 5 Leia com os alunos as últimas frases do capítulo 12: “Dependendo do que eu soubesse, meu mundo seria outro, minha vida poderia mudar. Isso me dava medo, um medo enorme” (p. 38). Questione-os sobre o temor de Olívia relacionado à decisão de procurar Flora. O que eles fariam se estivessem na pele da protagonista?
- 6 Apresente-lhes o livro de poemas *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, e leia os poemas “Madrigal tão engraçadinho” e “Teresa”, dos quais Olívia cita alguns trechos, no capítulo 16. Peça que reflitam sobre a relação entre os poemas e o despertar do amor entre Miguel e Olívia.
- 7 No capítulo 28, a história de Laura finalmente se desvenda no diálogo de Olívia com Ivan na sorveteria. Converse com a classe a respeito das versões de Ivan e de Flora sobre a atitude de Laura. Elas se opõem ou se complementam? E qual seria a versão de Laura? A história termina em aberto e não sabemos como foi o encontro entre mãe e filha. O que teria acontecido? Por que será que a autora decidiu não descrever o encontro entre as duas?
- 8 Discuta com a turma o conceito de família, com foco nas novas configurações familiares, tomando por base a seguinte frase de Olívia: “Acrescentamos algumas imagens minhas e dele também. Afinal, éramos uma família. Diferente das outras, mas a que pudemos ser” (p. 98).
- 9 Leia o pós-escrito com os alunos e analise com eles a importância da busca de Olívia por sua mãe. Como essa experiência

se reflete na relação de Olívia com a própria filha? Como eles percebem o amadurecimento da protagonista?

DEPOIS DA LEITURA

- 1 Estimule os alunos a falar sobre suas impressões de leitura perguntando-lhes:
 - a. O que acharam da história?
 - b. De que mais gostaram? Por quê?
 - c. De que não gostaram? Por quê?

- 2 No pós-escrito, Olívia diz que decidiu transformar sua história de vida no livro que lemos e assim compartilhar sua busca com os leitores. Discuta com a classe:
 - a. Qual a importância de compartilharmos nossas experiências de vida?
 - b. Vocês já quiseram escrever sobre algum momento de sua vida?
 - c. Conhecem alguma história parecida com a de Olívia?

- 3 Aproveite a discussão proposta no tópico anterior e proponha uma redação, a ser feita em casa, sobre um momento importante da vida (conforme indicado na questão 2b) ou algo mais pessoal, com base no tema do abandono.